

RESGATE DE EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA

Vera Lucia Pinto^{*}
Tânia Rodrigues Palhano^{**}

Resumo: No presente texto, apresentamos a reflexão como exercício de resgate de experiências no espaço da educação, ao transitar entre saberes e prazeres nos caminhos da formação em filosofia; a concepção de experiência entendida como reflexão da prática em Dewey; e o aspecto prazeroso da atividade filosófica escolar, posto em destaque, o conceito de prazer em Aristóteles. No exercício da reflexão ocorre o resgate das experiências no diálogo com os pensadores e pensadoras, demarcados em um campo, em um lugar, um espaço em que o pensamento poderá transitar. Aponta a direção e o sentido daquilo que o sujeito e a relação entre sujeitos ao redor de seus contextos se ocupam e torna o centro da atenção da ação refletida ao transitar, descrever, pensar no espaço da educação filosófica.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Reflexão. Experiência.

Introdução

A reflexão está ligada a ação. Não há atividade prática desligada do pensamento, a reflexão repousa na atividade de qualquer profissional, seja de caráter prático ou teórico. Refletir é repensar, pensar o já pensado, sobre a prática ou a teoria, a ação ou a idéia. É um retorno do pensar sobre si mesmo para pensar melhor.

Refletimos para a obtenção de resultados, para a busca de verdades, para a produção de algo. Destacamos o material aqui posto, o qual apresenta a organização de um plano de ação, com uma sequência lógica do discurso a ser pronunciado. Sendo utilizado saberes teóricos como suporte às ações a serem desenvolvidas, permeados por momentos de reflexão e ação, de teoria e prática, da necessidade de reflexão para o planejamento e execução.

Apresentaremos neste texto, a reflexão como exercício de resgate de experiências no espaço da educação, entre saberes e prazeres, nos caminhos da formação em filosofia; a

^{*} Mestre em Filosofia – UFPB. E-mail: verapinto2003@yahoo.com.br

^{**} Doutora em Educação – UFPB. E-mail: taniarpalhano@gmail.com

concepção de experiência como reflexão da prática em Dewey; e o aspecto prazeroso da atividade filosófica escolar, posto em destaque, o conceito de prazer em Aristóteles.

No exercício da reflexão ocorre o resgate das experiências no diálogo com os pensadores e pensadoras, demarcados em um campo, em um lugar, um espaço em que o pensamento poderá transitar. Aponta a direção e o sentido daquilo que o sujeito e a relação entre sujeitos ao redor de seus contextos se ocupam e torna o centro da atenção da ação refletida ao transitar, descrever, pensar no espaço da educação filosófica.

1 Experiência e reflexão da experiência

A experiência, conceito básico da filosofia deweyana, significa “a interação do organismo e do meio ambiente, que redundando em alguma adaptação para melhor utilização deste meio ambiente” (DEWEY, 1959b, p. 105). No plano humano, além da escolha, da preferência e da seleção, acrescenta-se a reflexão, ao conhecimento e à reconstrução da experiência. A experiência não se opõe à natureza, “experiência é uma fase da natureza, é uma forma de interação pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados” (TEIXEIRA, 1973, p.14).

Para Palhano (2011), a experiência em Dewey se realiza na ação reflexiva sobre o objeto e sua mudança, ao ser feito algo sobre ele, ao mesmo tempo em que o agente da ação sofre ou sente consequências. A maior maturidade de experiência do adulto, como educador, coloca-o em posição de poder avaliar cada experiência do jovem, de modo que não pode fazê-lo quem tenha menos experiência. Em Dewey (1971), a tarefa do educador é de ver em que direção marcha a experiência. No entanto, ao jovem não deve ser recusada a compreensão de sua experiência, a saber que toda experiência humana é, em última análise, social porque envolve contato e comunicação.

Anísio Teixeira (DEWEY, 1973, p.14), entende a experiência em Dewey como um modo de existência da natureza. Que pode ser definida como a relação que se processa entre dois elementos do cosmos, alterando-lhes até certo ponto, a realidade. Inclusive, as experiências humanas de reflexão e conhecimento. E a experiência humana é dada pela acumulação muitas vezes secular de tudo que o homem sofreu, conheceu e amou.

Do cerne da questão, enfatizamos obras da literatura que podem nutrir desde cedo o gosto pela leitura, a exemplo de Machado de Assis, José de Alencar, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, em que destacam-se *Vidas Secas* e *Angústia* como longas leituras que permitem sugerir um período de reflexão acerca das dores impostas pela vida às

peessoas. Também, obras como *O Estrangeiro* (Albert Camus) e *Metamorfose* (Franz Kafka) retratam as dores existenciais que levam a pensar ao mesmo tempo a finitude do ser e a complexidade e grandeza do ser humano em todas as suas variantes e dimensões.

Ao falarmos da educação desenvolvida na base da experiência, Dewey apresenta alguns princípios na formulação de uma teoria de experiência, um deles é dado pela categoria de continuidade, que se aplica na discriminação entre experiências de valor educativo e experiências sem tal valor. A necessidade desse princípio se aloja no movimento progressivo do ensino, que parece mais de acordo com o ideal democrático do que os métodos da escola tradicional, que tem muito de autocrático.

Nas experiências educativas ou deseducativas, revela-se certa espécie de continuidade em cada caso. Dewey (1971) ressalta que isso ocorre porque cada experiência afeta para pior, ou melhor, as atitudes que irão contribuir para a qualidade das experiências subsequentes, e complementa que cada experiência atua em certo grau sobre as condições objetivas em que decorrerão novas experiências.

Quando Dewey fala de experiência, historicamente, quer significar que, com o domínio do método científico, a qualidade da experiência melhorou. Mas, não quer dizer, que toda experiência, mesmo tendo uma conexão orgânica com a educação, seja ela educativa.

A crença de que toda a educação genuína se consuma através de experiência não quer dizer que todas as experiências são genuínas e igualmente educativas. Experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são deseducativas. É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou destorcer o crescimento para novas experiências posteriores (Dewey, 1971, p.13).

O exposto acima deixa definido que o primeiro requisito para uma experiência ser educativa é que ela possibilite experiências ulteriores. E a educação como processo de reconstrução da experiência em Dewey, indica que nenhuma experiência tem um fim ou objetivo em si mesmo, por outro lado, toda experiência precisa ser um meio para objetivos ulteriores. Mas, nem toda experiência que leve a outras experiências é automaticamente educativa.

O ser humano está no enfrentamento com as mais duras e dolorosas experiências, chora, enfrenta privações, tem decepções, amarga desilusões, perde o que não ganha, cai, levanta, realiza uma “revolução” pessoal, e computa os louros da vitória, a graça da vida, o acesso ao saber, as novas possibilidades que se irrompem a cada dia.

Toda a teoria da educação em Dewey aponta na restituição da aprendizagem ao caráter natural que ela tem na vida. Educação é vida, não preparação para a vida. Historicamente a educação faz parte da vida de todos os povos e sociedades se entendida como criação humana, e como apropriação da cultura.

Se a educação apresenta-se como necessidade da vida social, para Dewey, então, a aprendizagem não se limita a fórmulas ou regras pedagógicas, aprender é formação para a vida. E aprender para a vida significa que a pessoa não somente poderá agir, mas agirá do novo modo aprendido, assim que a ocasião que exija este saber apareça.

No esboço da teoria da educação de John Dewey (1973, p. 33), Teixeira faz uma exposição de cinco condições de como se aprender para a vida. Primeiro só se aprende o que se pratica, seja uma habilidade, seja uma ideia, seja um controle emocional, seja uma atitude. Porém, não basta praticar, a intenção de quem vai aprender tem singular importância, o propósito pessoal do aprender leva sua experiência a experiências futuras. Em terceiro, aprende-se por associação, depois, não se aprende nunca uma coisa só, pois à medida que aprendemos umas, várias outras são somadas. Por último, toda a aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida, onde o que for aprendido tenha o mesmo lugar e função que tem na vida.

2 A reflexão como exercício de resgate da experiência

As experiências com a filosofia, por estarem sempre se procurando, se buscando, buscando entender suas dores e angústias, começam a ter o foco nas questões humanas, ou melhor, na existência humana. E é no olhar para as questões da existência humana que o sujeito sente-se atraído pela filosofia ao acreditar que nessa morada possa encontrar senão respostas, pelo menos amparo para melhor compreender a alma humana.

A educação, como processo de reconstrução da experiência, indica que nenhuma experiência tem um fim ou objetivo em si mesmo, na perspectiva deweyana, educação é vida, é reorganização e reconstrução da experiência. A experiência educativa é a experiência inteligente em que participa o pensamento, pela ação reflexiva, através do qual se vêm a perceber relações de continuidade antes não percebidas.

Os saberes filosóficos vão surgindo no caminho da vida educativa adicionado por um imenso desejo da busca do conhecimento e um forte encantamento por cientistas como Galileu Galilei, Isaac Newton, Arquimedes e Albert Einstein. O encontro com a filosofia faz

parte de um mundo de encantos, um convite ao pensamento sistemático, um olhar sob o humano em um ângulo amplo e reflexivo. Junte-se a isso, as dúvidas, inquietações, um movimento avassalador que vai invadindo e se apoderando de todo o ser.

Na perspectiva acadêmica as leituras iniciais, de *A República* e outros diálogos de Platão anunciam o maravilhamento com a forma da escrita da obra filosófica. A leitura torna-se prazerosa ao tempo em que se percebem mudanças na forma de elaborar seus pensamentos e suas falas, e contagiante, sobretudo, quando se consegue alcançar e interpretar a mensagem contida nos diálogos.

René Descartes, também um pensador da filosofia clássica, traz no *Discurso do Método*, aquilo que pode causar estranheza e alegria pela forma metódica apresentada em sua obra, ao conduzir o leitor à regras do conhecimento racional e provocar impacto, que pode ser percebido especialmente na segunda parte do seu livro, logo no primeiro preceito quando diz: “jamais aceitar alguma coisa como verdadeira que não soubesse ser evidentemente como tal, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito que eu não tivesse nenhuma chance de colocar em dúvida”. (DESCARTES, 1978, p. 40).

A formação em filosofia proporciona um modo de ver e pensar mais apurado, mais crítico, e, portanto, mais abrangente e mais profundo; proporciona, também, uma melhor compreensão e um melhor discernimento sobre as coisas que estão aí. O olhar sobre o mundo e as relações pessoais, interpessoais e profissionais, torna-se, mais reflexivo, ativo e dinâmico.

A vivência acadêmica com a filosofia pode marcar uma nova etapa na vida de quem a está encontrando, em aprendizado e em ensinamentos, percebe-se uma nova maneira de se fazer filosofia, ou uma nova maneira de filosofar. Ver-se muito mais beleza nas obras de Platão, Descartes e Kant, esses pensadores educadores, fazem emergir uma beleza incontida quando não se tem um encontro com a obra, um olhar especial pela forma dos escritos filosóficos, sobretudo em Platão pela escrita dos diálogos, e Descartes com a escrita na primeira pessoa, os quais inauguram um modo novo de escrever filosofia.

A amizade com a filosofia é levada para a atividade profissional, mesmo que não seja a sala de aula, a postura de uma desenvoltura no exercício da profissão quando há uma aproximação do sujeito com a filosofia, pode ser dado em razão do “educado” espírito filosófico. A filosofia educa a razão e sensações no trato com a realidade, evitando traços de consciência ou de dogmatismos ingênuos.

Dewey acreditava que o homem poderia progredir através do uso de sua inteligência, uma faculdade que proveria usos criativos para suas experiências prévias. Isso ajudaria na solução dos novos problemas do presente. As implicações dessas concepções na educação, conforme Rossi (1982, p. 64) são claras: uma verdadeira educação deveria dar aos estudantes a prática na solução de problemas através do uso de suas experiências passadas, ao invés de simplesmente enfatizar a reprodução mnemônica do conhecimento previamente gerado por outra pessoa.

A vida nos proporciona uma viagem ao aprendizado o que certamente os livros e a estada no ambiente escolar por si só não proporcionam, a experiência pessoal com o outro, com os outros, é ímpar e intransferível, porém, passível de ser compartilhada, e este é o propósito aqui apresentado.

Educar para a reflexão e o debate é, portanto, aspirar à construção da sociedade pluralista, baseada na formação da identidade autônoma e crítica e, ao mesmo tempo, na capacidade de admitir e aceitar diferenças.

3 O aspecto prazeroso da atividade filosófica escolar

Ao estabelecermos uma correspondência entre o conceito de prazer e de interesse ao de experiência, destacamos em Aristóteles (2008, p. 223) que o prazer completa as atividades, assim, o prazer em determinada atividade vai tornar completa a vida de quem a está desejando. Destaca que a vida é uma atividade e apresenta o seguinte exemplo: “o músico é ativo com o ouvido em relação às melodias, o estudioso com o intelecto em relação às questões teóricas”.

Ao completar a atividade, o prazer não é contínuo, assim como uma atividade não é contínua. Há uma relação de prazer quando o sentido que o percebe e o objeto são os melhores possíveis.

Como explicar, então, o fato de ninguém sentir prazer continuamente? Será que ficaríamos enfastiados? O fato é que nenhum ser humano é capaz de uma atividade contínua, e essa é a razão de não ser contínuo também o prazer, pois ele acompanha a atividade. Algumas coisas nos deleitam quando são novidades, mas nem tanto quando deixam de sê-lo, e pela mesma razão: a princípio o espírito é estimulado e desenvolve intensa atividade em relação a tais coisas, como no caso do sentido da visão quando olhamos alguma coisa com atenção, mas depois nossa atividade se torna menos intensa, e por isso o prazer também diminui (ARISTÓTELES, 2000, p. 223).

No despreparo do jovem, o preceito pode ser levado a sério e causar sofrimento e dificuldade em lidar com algumas questões imediatas do cotidiano. Ao mesmo tempo o distanciar-se para refletir o que diz os filósofos pode levar aos ensinamentos que estimula mais e mais a ir em busca de si mesmo e do outro, do seu semelhante.

A atividade filosófica apresenta-se como uma experiência prazerosa para os jovens educandos, que buscam mais, que resultados imediatos cercados pelas necessidades de consumo impostas pelo mercado capitalista, como uma atividade de superação, ao se pretender não apenas resultados imediatos e de caráter de utilidade.

Quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela, segundo Dewey (1959a, p. 152), e “em seguida sofremos ou sentimos as conseqüências. Fazemos alguma coisa ao objeto da experiência, e em seguida ele nos faz em troca alguma coisa”. A conexão dessas duas fases da experiência mede o fruto ou o valor da mesma. A simples atividade não constitui experiência.

O encontro com a filosofia faz nascer uma “confortável” relação que se estabelece para além do ser indivíduo, pois o olhar para o semelhante toma outro matiz. Procura-se buscar na filosofia caminhos para o autoconhecimento, e esse trajeto leva ao inevitável conhecimento do outro, a aceitar as diferenças e a conviver mais serenamente com a pluralidade, pelo menos este é o esforço exigido.

A filosofia tem utilidade no raciocínio argumentativo relacionado ao raciocínio lógico, ao contexto histórico-político, vinculada à prática, à vida e à realidade, e ao tempo em que é uma tarefa prazerosa, é uma tarefa árdua. Provoca inquietações, causa estranheza e entranha no sujeito de tal maneira que o olhar crítico que o acompanha lhe possibilita uma percepção mais atenta do mundo ao seu redor.

O conhecimento se dá pelo método experimental do pensar, o pensamento tem utilidade, ele é útil por nos dar a possibilidade da previsão de conseqüências futuras, baseada na observação completa das condições presentes. A experiência em Dewey é, então, uma verdadeira interação do indivíduo com o ambiente, por um lado deve ser um processo contínuo e sempre presente, e por outro, só se justifica se tiver repercussão no futuro.

O desenvolvimento da capacidade de pensar deve estar ligado ao ato de pensar que se realiza pelo “aumento de eficiência na ação e a aprender-se mais coisas sobre nós e sobre o mundo em que vivemos” (DEWEY, 1959a, p. 167). Ao definir o pensar como o método de se aprender inteligentemente, este identifica o ato de pensar como “o método da experiência

inteligente em seu curso”, deste modo, a experiência em Dewey está associada à ação e a reflexão.

Mesmo que seja agradável, a experiência é concebida em dois modos distintos, conforme Dewey (1971, p. 14), “imediatamente agradável e, entretanto, concorrer para atitudes descuidadas e preguiçosas, deste modo atuando sobre a qualidade das futuras experiências, podendo impedir a pessoa de tirar delas tudo que têm para dar”. Como também, mesmo agradáveis, as experiências podem ser tão desconexas e desligadas umas das outras que não se articulam cumulativamente.

Pensar a filosofia na educação no âmbito do ensino fundamental e médio abre uma nova perspectiva de pensar a filosofia e de pensar, também, a educação, pois não devemos descartar nossa experiência de vida e a experiência de vida dos alunos; é possível, sim, despertar adolescentes e jovens para o pensar filosófico colocando em prática suas próprias vivências, filosofar a partir dessa base e construir uma ponte de acesso às compreensões pertinentes ao universo de cada um.

O ensino de filosofia lança a possibilidade da convivência com o questionamento, de ver as coisas com o olhar e espírito crítico, desse modo, veremos adultos mais bem formados, mais bem educados no sentido político da palavra. Este é o grande fascínio da filosofia, que mediatiza a relação dialética pelo caráter da práxis humana, é ter a compreensão do aqui e agora e o da abstração.

Mesmo com o caráter profundo e erudito que a filosofia possui, se tivermos a criatividade necessária poderemos transportar para a sala de aula uma gama de questões triviais e construir juntos, uma grande aula de filosofia, essa via dará acesso às apreensões do aprendizado em relação ao conjunto das disciplinas escolar e ao conhecimento em geral.

Neste sentido, Descartes, apresenta uma magnânima aula de como filosofar, ao nos convidar a filosofar com ele, o seu discurso fala sobre o despertar da consciência para bem usar a razão, e não desprezar nossas experiências de escola e de vida, e, sobretudo, que nos apropriemos de nós mesmos, dos nossos pensamentos, da nossa própria razão, enfim, da nossa própria vida.

Somos todos, fonte de riqueza interior, precisamos de método para bem nos conduzir, nem que precisemos inventar de acordo com nossos propósitos, e seguirmos na estrada da vida partilhando nossas experiências; que não nos fechemos em nossos “saberes”, se nos pretendermos educadores que nos coloquemos a serviço da educação no contexto mais geral

da relação de troca de conhecimentos, quer seja na vida econômica, social, cultural, existencial.

Compartilhar com as descobertas de cada aluno é, em especial, um compromisso a ser assumido nesse papel de construtor do novo pensar filosófico, pois a importância da educação para o pensar na sociedade em que vivemos é, no mínimo condição necessária para o bem viver.

Questões de caráter ontológicas, epistemológicas, éticas, morais, estéticas, políticas, não podem ficar estanques do currículo escolar. A sociedade em que vivemos é muito desigual, o sistema político-econômico vigentes é muito injusto, massacrante, impondo um modelo de relação materialista, imediata, fútil e fugaz sem medida; olhemos para a ecologia, inclusive a humana, o meio ambiente, os direitos humanos, a condição das mulheres, dos excluídos, e tantos outros temas pontuais que carecem de reflexão. Necessário e premente se faz que lutemos de forma obstinada e adotemos, seja por ideal, por causa, por convicção política, ou por o que quer que seja, a disseminação do estudo da filosofia na educação básica, com posturas firmes, seguras e corajosas; esse é um desafio encantador.

A atitude do filosofar gerada da relação com os saberes filosóficos, envolve a aquisição de instrumentos conceituais para transformar a experiência vivida numa experiência compreendida, seja examinando os pressupostos das ciências, da técnica, das artes, seja avaliando a ação do político, a proposta pedagógica de uma escola, as justificativas de um comportamento, quaisquer que sejam, enfim, os projetos humanos.

O ensino de filosofia na educação básica, especialmente, no ensino médio, não irá formar o cidadão em uma habilidade específica da arte do filosofar, se trata, portanto, de levar noções introdutórias no exercício da reflexão para o conhecimento da realidade. Para Aranha (2000, 118), “supõe um compromisso com a vida, para que se possa recuperar, em um mundo por demais pragmático, o que os gregos já chamavam de capacidade de admirar-se, ou seja, do espanto diante do óbvio, do corriqueiro, das certezas sedimentadas”.

Em Dewey, a atividade do pensar liga-se a relação ação reflexiva e experiência, e a educação é um processo de reconstrução da experiência, de acordo com o ideal democrático em que a convivência exige a participação para o bem comum.

No processo de relacionamento democrático, a comunicação é mútua, e essa exigência leva o indivíduo a prestar serviço à sua comunidade. Para Dewey (1959a), a convivência democrática exige que essa participação seja para o bem comum, num processo em que todos

ofereçam e recebam influências e benefícios. Este crê que a vida em sociedade dá consistência e continuidade a todo o viver humano. O homem se enriquece compartilhando com os outros.

Considerações finais

O conceito de prazer apresentado por Aristóteles extensivo a qualquer tipo de atividade humana reporta-nos aos hedonistas, onde o bem se encontra no prazer, costuma-se dizer que a civilização contemporânea é hedonista, por identificar a felicidade à satisfação imediata dos prazeres, sobretudo pelo consumismo.

A reflexão como exercício de resgate da experiência com a filosofia liga-se ao aspecto prazeroso ao tempo em que a partir de intuições próprias, cultivadas no contato com os outros, seja sujeito, objeto coisificado pelo sujeito, contexto e a relação entre sujeitos, mundo material e espiritual, que permitem interligar, relacionar de um modo existencial e significativo as ideias e experiências em questão. Essa reflexão leva ao diálogo com os pensadores e pensadoras de todos os tempos, em franco desenvolvimento e expressão.

As experiências não se atem a narração de fatos, mas, aos sentidos das experiências narradas. De modo que, os referenciais, sejam autores ou experiências, demarcam um campo, um espaço, um lugar onde o pensamento do ser humano em sua atitude formada pela educação filosófica, pode acontecer, seja racional, sensível ou apaixonado.

Poder transitar pelas possibilidades já vividas e abrir-se para outras e poder transitar pelo espaço educacional, escolar ou não, é imaginar possibilidades antes vividas e vivenciadas pela ação reflexiva das experiências de quem já as viveu.

Aristóteles dizia que o primeiro impulso para assumir uma atitude crítica é a admiração, o espanto diante das coisas. Entranhados do espanto, que nos move ao questionamento, o olhar da educação filosófica nos faz voltar para a escola, e lançar um novo olhar sobre a mesma, ao ver o que antes não era percebido.

O trabalho educativo não se compõe apenas de aspectos prazerosos, mas também de problemas, o isolamento é um aspecto a ser superado, devemos nos mover para tal. Para Rios e Lorieri (2008), a primeira ideia, então, é promover o diálogo. Para isso temos que fazer o exercício de perceber o outro, prestar atenção nele, procurar trabalhar com ele. Os problemas são questões limites, obstáculos com que nos deparamos em nossa vida, em nossas relações, e que temos necessidade de superá-los.

A nossa formação não se resume ao acadêmico da filosofia, nós seres inacabados, não estamos nunca formados, prontos. A educação é longa ao longo da vida. A educação é contínua, estende-se pela vida inteira. Na escola, os alunos e alunas estão em exercício constante do ofício do aprendizado, e através de novos saberes, elabora-se possibilidades para tornar a educação escolar mais prazerosa.

Alunos e professores aprendem juntos ao compartilhar suas experiências. Por isso, o que se busca é inovar. Não trazer a novidade por si só, como um modismo, que pode ser passageira e discutível, mas instalar o original, o que vai às origens, que diz respeito aos princípios que devem iluminar ações e relações.

Referências

ARANHA, Maria L. A. Filosofia no Ensino Médio: relato de uma experiência. In: GALLO, Silvio e KOHAN, Walter Omar (orgs). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DESCARTES, René. Discurso sobre o Método. São Paulo, Hemus. 1978

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959a.

_____. **Reconstrução em filosofia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho revista por Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959b.

_____. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1971.

_____. **Vida e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. Melhoramentos: São Paulo, 1973.

LORIERI, M. A. e RIOS, T. A. **Filosofia na escola: o prazer da reflexão**. São Paulo: Moderna, 2008.

PALHANO, Tânia Rodrigues. **Pragmatismo, trabalho e educação na Constituição de 1988**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011.

ROSSI, Wagner. **Caminhos da educação socialista**. São Paulo: Moraes, 1982.

TEIXEIRA, Anísio. A Pedagogia de Dewey: esboço da teoria da educação de John Dewey. In: DEWEY, John. **Vida e educação**. Melhoramentos: São Paulo, 1973, p.13-41.